



CARTOGRAFIA DE IMAGENS DE PRÁTICAS SOLIDÁRIAS

Cleide Figueiredo Leitão - SAPÉ

“... a sucessão de tempo é também uma sucessão de espaços que percorremos e nos percorrem, deixando em nós as marcas que deixamos neles.”

Boaventura de Souza Santos

As fotografias e os relatos a partir dos quais desenho uma cartografia de práticas solidárias fazem parte do vasto material da experiência dos Coletivos de Autoformação, dinamizada pelo SAPÉ¹ ao longo de oito anos e que se constituiu em um espaço de mediação de diferentes práticas da educação de jovens e adultos e a necessidade de refletir e teorizar sobre a ação, confirmando a importância do cotidiano e da experiência, na criação

¹ SAPÉ - Serviços de Apoio à Pesquisa em Educação, organização não governamental sediada no Rio de Janeiro, atuante no campo da educação de jovens e adultos, na organização e participação popular e na animação de redes e intercâmbio entre os educadores.

e socialização de saberes pelas próprias educadoras/es. Os Coletivos reuniam dois grupos de educadores e educadoras, um no Rio de Janeiro (região sudeste), outro em Pernambuco (região nordeste do Brasil).

Essa experiência de formação/autoformação foi retomada e seu acervo ressignificado por ocasião da minha dissertação de mestrado. Parte importante desse acervo foram as fotografias que aqui no texto aparecem trançadas aos relatos oriundos das entrevistas com algumas educadoras e a contribuição teórica e literária sobre as questões que estão em discussão como memória, imagens, práticas solidárias, formação/autoformação etc.

Ao narrar as histórias que as imagens revisitadas suscitam, são inevitáveis, lembranças de uma prática de formação/autoformação compartilhada, a recriação no presente de passagens significativas, de práticas solidárias. Alguns desses momentos, eternizados nessas fotografias ou associados a outras imagens trazidas pelas lembranças quando as evocamos para refazer esse percurso coletivo e partilhado, permitem perceber o quanto o tempo, inexorável, percorreu a mim, aquelas que entrevistei, as cenas e pessoas retratadas nas fotos, deixando em todos nós muitas marcas.

Tentando encontrar um fio para alinhar as alternativas que o vasto material dos Coletivos de Autoformação me ofertou, comecei a rever as fotos, as muitas fotos que retratavam quase todos os seminários, os trabalhos de grupo, as fotos dos educadores e educadoras do Rio de Janeiro e de Pernambuco ao final de cada seminário, os momentos de descontração, as brincadeiras, as discussões, as festas, as mães grávidas, as crianças no colo, no carrinho ou tomando banho, o pai segurando a filha depois de mamar ou para tomar banho, as paisagens, os lugares que percorremos e que nos percorrem, que nos marcam da mesma forma que nós a eles.

Em cada imagem tanta história transbordando. Fui me deixando impregnar por aquelas imagens e suas lembranças, e o “cinema mental” foi fazendo outras associações: paisagens do Centro Comunitário da Rua 2 na Rocinha, no III Seminário do Coletivo do Rio e a minha infância; a experiência de Florine como professora de francês para os ferroviários da Central, e o trem como imagem do progresso percorrendo sempre em frente as mesmas estações, ao mesmo tempo que, cotidianamente, em seu percurso nos põe em contato com uma diversidade de lugares e pessoas de forma inigualável, retratos de um Rio

de Janeiro muito além de suas fronteiras; a foto da escultura humana que fizemos também no Seminário já citado, modelando com nossos corpos uma forma indefinida, desorganizada, caótica que, sem olhar para os pés ou para o alto, expressava, no olhar a felicidade dos brincantes, que sabem que a tristeza não paga dívida, como diz D. Elza do Carço², brincante do Maranhão.

A Rocinha, maior favela da América Latina, é muito mais próxima do Maranhão/Nordeste do que a distância que os separa geograficamente; é um espaço babilônico que mistura diferentes sotaques, cores e jeitos de ser, aparentemente caótico mas criando e recriando outras formas de organização e ordenação, “táticas” de praticantes, de sobreviventes, contribuindo com outras ressignificações da existência feita pelos seus diferentes habitantes.



Mas a fotografia da escultura humana me conecta também com uma obra de Leda Catunda, *Siameses* (1998), duas telas grandes de 220x150cm dispostas uma ao lado da



² Citada no livro *Música do Brasil* de Hermano Viana e Ernesto Baldan, Ed. Abril, 2000

outra, misturando tinta acrílica sobre tecidos e plásticos, provocando uma enorme sensação de desordem, de caos, aquelas camadas de cores em relevo, desobedecendo a limitação do espaço da tela e o azul das duas telas escorrendo desordenadamente para o chão formando um fio de ligação ente elas, um fio siamês, sugerindo outra possibilidade de ligação, de ordenação.

A escultura humana retratada foi resultado de uma proposta que intitulamos “o lúdico na educação”, na qual, a partir de algumas atividades que incluíam também jogos teatrais, terminamos por fazer essa modelagem coletiva com os nossos próprios corpos. Fizemos várias modelagens mas fotografamos apenas essa e, ao olhar essa imagem, percebi o quanto ela ecoava com a fala de Florine ao recordar a experiência dos Coletivos de Autoformação. Diz ela:

Havia uma organização conseguida a duras penas, porque tínhamos uma certa dificuldade para nos organizarmos no meio daquela diversidade. Era meio caótico, se formos parar pra pensar. Junta um povo da Escola Senador Correia, com outro lá da Vila Cruzeiro, com outro que atua na Rocinha... E um é professor, o outro não é, outro está lá por causa da Igreja... Isso tornava tudo muito difícil, eram várias linguagens diferentes, expectativas diferentes e realidades diferentes. Mas também era isso que tornava tudo muito fascinante... Se nos propomos a trabalhar nesse universo tão amplo e tão diversificado, não podia ser uma coisa homogênea. Pelo contrário, era de uma heterogeneidade total. E a mim agrada muito mais assim, pois isso está mais próximo da vida do que tudo que é muito arrumado, muito certinho...

Na vida não é tudo arrumado, certinho o tempo todo. É verdade que você tenta se arrumar, os horários etc. Mas tem vezes que fica tudo complicado, do tipo não ter tempo de almoçar e comer um sanduíche na rua e por aí vai. Sabe, lá tinha um espaço para o inesperado, para coisas malucas, para o que também não dava certo. Uma coisa mais verdadeira, mais parecida com a vida.

Como não havia uma ordem imposta ou determinada e as normas de convivência como as de produção eram decididas e escolhidas pelo próprio grupo, lidávamos em muitos momentos com situações de desorganização, de caos, que também nos possibilitava criar outras formas de ordem, de organização mais condizentes com as diversidades expressas e presentes no grupo que, como Florine diz, estão mais próximas da vida. E mais do que isto, essa forma de saber caótica no próprio processo de autoformação resguardava o espaço para o imponderável, o imprevisto, o indefinido e o necessário refazimento do percurso a partir do estabelecimento de relações respeitadas e solidárias entre os participantes.

A disposição dos corpos na escultura também desordena o lugar que sempre pareceu disciplinado nas práticas educativas, geralmente perfilados um ao lado do outro, um atrás do outro, sentados, silenciosos e obedientes. Mas será que de fato foi ou é somente assim? Na experiência com os Coletivos, as possibilidades de criação e recriação eram mais libertas das exigências institucionais. Os aprisionamentos, as dificuldades, as resistências não eram, em sua maioria, externas ao grupo, mas parte integrante das nossas redes de significações constituídas nos diferentes contextos cotidianos (Santos, 1995).

No espaço dos Coletivos não lutávamos contra o poder instituído, pois ele não era personificado por ninguém; a luta era contra a acomodação e a insegurança que sentíamos diante da responsabilidade de assumirmos as nossas escolhas. O inimigo estava dentro de cada um de nós e a luta estava dentro e fora ao mesmo tempo, perpassando a constituição de nossas identidades no contato com os diferentes contextos sociais e cotidianos mais caros à nossa vida.

Tínhamos muita liberdade para experimentar outros caminhos metodológicos, outras formas de organização e todos nós éramos responsáveis por essas escolhas, o que de certa forma tornava a experiência extremamente rica, singular e diferenciadora. No entanto, escavando outras formas de interpretação, de saberes, de produção de conhecimentos e sentidos, temos a grata surpresa de perceber que o que foi produzido apontando outras alternativas foi feito sob o mesmo chão que produziu o que tanto criticamos. A diferença então está no caminhar, nos passos dados que aos poucos vão abrindo outros atalhos, outros caminhos para os viajantes que se aventuram a trilhar por eles. Assim, a diferença fundamental está na leitura que fazemos dessas contribuições, nos sentidos e significados que a elas atribuímos e no uso que dela fazemos.

Falando de outra forma, tudo aquilo que aprendemos a ver e a entender como se fosse absolutamente homogeneizador, uma visão de cima, um sobrevôo distanciado das práticas, das relações, determina apenas uma forma de olhar que muitas vezes é míope e cega em relação ao entendimento da multiplicidade e da diversidade características da produção do cotidiano, impossível de ser alcançada de uma só forma. Assim, são tantas as formas possíveis de olhar, perceber, sentir o que as práticas múltiplas, diferenciadas, plurais e singulares, tecem e retecem pelas *astúcias* e *táticas* daqueles que as praticam criando

outras apropriações e usos para o que, em um primeiro olhar, pode pretender ser totalizador.

Nilda Alves (2001) nos tem mostrado outras possibilidades de leitura da escola a partir das fotografias de Robert Doisneau, fotógrafo francês que escolheu entre outras paisagens a da escola e seus habitantes. Em seu texto *Imagens da escola* ela faz uma leitura da velha conhecida de todos nós - a “cola” - como um tipo de aprendizagem que está no cotidiano escolar, destacando-a, principalmente, como uma prática solidária gestada ou não entre os alunos e percebida nas fotos pelos olhares, gestos de murmúrios, movimentos do corpo que ora facilitam, ora dificultam a intenção da ajuda e nas artimanhas feitas para colaborar com o outro, movido pelas redes de afeto e amizade, ou apenas se solidarizar em um momento de dificuldade pela tensão que, sabemos, alguns tipos de avaliação provocam.

Interessante é perceber que essa mesma escola retratada, provavelmente, nas primeiras décadas do século XX, uma escola francesa só de meninos, poderia ser lida a partir de outras interpretações, mas a leitura que Nilda nos proporciona das imagens escolhidas “*mostra as inúmeras redes de conhecimentos que vão, a cada instante, sendo organizadas em um fluir que não foi previamente planejado, mas que marcam de forma indelével os que nela vivem e as organizam.*” (2001:16). Assim, nos abre possibilidades que estão além da força instituída pelo disciplinamento escolar.

Rever as fotografias e puxar a partir delas diferentes fios torna-se possível quando compreendemos que nossos saberes são tecidos em diferentes redes de significações que ora se trançam, ora deixam os fios soltos à espera de sentidos. Nesse caso, os fios se entrelaçam em torno do que pretendo discutir e que, ao partir das imagens, envereda sobre possibilidades de leitura, multiplicidade de sentidos e o exercício de um olhar afetuoso e solidário.

O primeiro movimento que fizemos em direção a outros grupos que atuavam como nós na educação de jovens e adultos foi motivado tanto pelo desejo de compartilhar, trocar,



debater, confrontar, ações que só são possíveis no coletivo, quanto por um sonho acalentado ao constatar a necessidade de investimento na formação, de imaginar outras possibilidades para esse processo, no qual pudéssemos a partir dos diferentes lugares, pertencimentos e hoje posso dizer, redes de significações ampliar as relações entre o que somos, sentimos, pensamos e fazemos. Fortalecendo a prática pedagógica de cada experiência como também aprofundando aquela que juntos tecíamos.

E o que impulsionou o movimento foi imaginar outras possibilidades para o encontro, que foi diferenciado nos dois estados, em Pernambuco e no Rio de Janeiro, por que cada local, cada cidade com suas paisagens, sua gente, aromas, sons, formas e cores nos percorreu de forma diferenciada como também nós as percorremos, sem esquecer que cada local contém, também em pequena escala, o mundo.

Aquilo que imaginamos também faz parte da realidade mesmo que invisível, submerso, e que pode vir a tona, tornar-se visível à medida em que se corporifica. O primeiro encontro não teve nada muito planejado foi como quem inicia a “paquera”,
Vista do Centro Comunitário, Rocinha, RJ
conhecendo e reconhecendo o outro, ouvindo suas histórias, sentind Ilha de Itamaracá, PE
entanto, o namoro só acontece quando há uma concordância entre os envolvidos, quando há um querer de ambas as partes e o desejo é fundamental para que a relação aconteça. O desejo e a livre adesão contribuíram na permanência da experiência dos Coletivos durante longos anos.

Voltando à metáfora do “cinema mental” de Italo Calvino, ela retrata como as imagens nos habitam continuamente, antes mesmo de tornarem-se movimentos, ações ou narrativas escritas, fotografadas ou filmadas. Em um processo que, ao que tudo indica, inicia-se na imaginação, nutre-se de nossa memória visual, das percepções e sentidos como audição, olfato, tato e paladar até transformarem-se em textos como esse que tento fazer agora, ao qual os possíveis leitores atribuirão novos sentidos.

Escritores como Eduardo Galeano e o próprio Calvino em declarações sobre o processo de criação do texto, dizem que a primeira coisa que vem a mente são imagens carregadas de significados e o esforço do ofício é transformá-las em termos discursivos ou

conceituais (essa é a minha luta) até a escrita se tornar guia da narrativa e a expressão verbal fluir com mais facilidade (meu ardente desejo).

A imaginação é potencial, possibilidade de tudo quanto não é, nem foi e talvez não seja mas poderia ou pode vir a ser. E a prerrogativa da mente de, em certos momentos, funcionar associando imagens, coordenando e escolhendo entre *as formas finitas* do possível e do impossível, do visível e do invisível não é apenas do poeta ou do escritor, mas também do cientista, do educador e de muitos outros mais.

Em uma sociedade cada vez mais inundada pelo dilúvio de tantas imagens pré-fabricadas é necessário muitas vezes olhar com os olhos fechados, visualizar a imaginação, pensar por imagens. Calvino sugere uma pedagogia da imaginação *que nos habitue a controlar a própria visão interior, sem sufocá-la, sem deixá-la cair num confuso e passageiro fantasiar, mas permitindo que as imagens cristalizem numa forma bem definida, memorável, auto-suficiente e icástica.* (1998:108). Pedagogia que só pode ser autoformativa com métodos criados a cada instante e com resultados inesperados.

A cor do invisível de Mário Quintana é mais um fio que, percorrido em sua narrativa nos faz refletir sobre a existência das coisas que não vemos, mas que nem por isso deixam de existir.

Certo autor famoso dividiu um livro seu em duas partes: na primeira, contos reais; na segunda, contos fantásticos. Resultado: tem-se a frustrada impressão que ficou cada uma das partes amputada da outra, quando na realidade os dois mundos convivem.

Por que chamar de invisível ou fantástico a esse mundo que por enquanto não conseguimos apreender, em contraposição a esse mundo que está na cara – este mundo de que faz parte a caneta esferográfica com que vou abrindo caminho pelo papel como um esquiador sobre o gelo? Este é o mundo que se vê... e no entanto pertence ao mesmo mundo espiritual que está movendo a minha mão.

Um dia, num poema, ante esse frêmito que às vezes agita imperceptivelmente a relva do chão, eu anotei: são os cavalos do vento que estão pastando. (...) acreditemos na cor dos seres por enquanto invisíveis para nós, como é chamado invisível este oceano de ar dentro do qual vivemos.

Aprender a ver a beleza daquilo que ainda não existe além de nossa imaginação, se aventurar a buscar no invisível o que é necessário para compreendermos o que vemos, aprender a ver a complexidade que se expressa rebeldemente no cotidiano, a ver e rever

aquilo que foi ocultado por uma visão única, o que as práticas sociais produzem. Aprender a ver, a sentir, tocar, ouvir as alternativas que são cunhadas nos caminhos da solidariedade, da ética e da estética, são possibilidades de uma nova *epistemologia da visão* ou *sociologia das ausências*. (Santos, 2000)

A ciência moderna tentou nos fazer crer que havia apenas um ponto de vista sobre o real, aprisionando-o em uma perspectiva que domina o olhar em uma só forma de ver. Esse olhar único provoca uma visão míope e limitada que deixa de fora o que considera impurezas, imperfeições, resistências, diferenças, transformando-os em restos e resíduos.

A visualidade contemporânea está impregnada por um excesso de imagens que muitas vezes mais encharcam do que refrescam, metáforas para exemplificar o excesso e o deleite, daquilo que não escolhemos ver e daquilo que vemos por escolha.



No entanto, o que percebemos é apenas um enquadramento, uma possibilidade de apreensão, apenas uma entre tantas, das que são oferecidas ao nosso olhar.

O desafio de uma reeducação do olhar é ver, ouvir, sentir e reconhecer outros sentidos naquilo que foi mantido na invisibilidade, escondido, encoberto, sem no entanto, ter deixado de existir. Exercitar um olhar mais afetuoso e solidário que não se deixe acostumar com a desigualdade, com a indiferença, com a injustiça, com os limites que nos são impostos, com os padrões de beleza fabricados. Um olhar que se sinta afetado pelos sins e pelos não da existência, que nos aproxime dos outros e nos possibilite compreender tanto a desigualdade indigna e silenciada, quanto a beleza que precisa ser desocultada para que possamos com ela nos inebriar.

As fotografias das inúmeras situações vividas nos Coletivos de Autoformação compõem o rico acervo sobre a experiência pedagógica que também inclui muitos outros materiais. Mas as fotografias em especial fizeram emergir muitas emoções, despertando a memória das experiências de cada um a partir de suas diferentes fontes de saberes. Esse refazer do ocorrido trouxe registros de percursos e tempos do que foi vivido ampliando o

entendimento do que se é, hoje, possibilitando outras reflexões sobre a experiência, principalmente, em suas práticas solidárias.

A interação entre narrativas e imagens permite múltiplas leituras, apreensões e, ao mesmo tempo, disseminações de significados. Nas longas entrevistas, as educadoras e os educadores refaziam no seu percurso de vida, aquilo que queriam compartilhar de suas subjetividades, destacando sua trajetória na educação e para isso recorriam a muitas imagens que eu atentamente ilustrava na imaginação. Aqui trago parte do relato de Margarida, educadora participante do Coletivo de Pernambuco.

(...) Eu queria ser jornalista e fui fazer Comunicação Social na UFPE - Universidade Federal de Pernambuco. Eu era muito nova e imatura, tinha apenas 17 anos e levei um choque pois cursava no Centro de Artes onde tinha os artistas, o pessoal de teatro, de vanguarda e eu vinha de uma família sem dinheiro, mas tradicional, tinha estudado em colégio de freira e aquele povo todo doido, se beijando na boca. Hoje acho graça dessas lembranças. Gostei muito da parte básica do curso. Tinha aulas com Ariano Suassuna, José Pimentel com essas feras, mas depois tive que optar entre fazer publicidade e propaganda ou polivalente onde você aprende um pouco de tudo e não aprende nada. Acabei escolhendo publicidade e propaganda, mas não gostei daquela história de ter que usar os recursos que aprendia para induzir as pessoas a comprar o que às vezes nem queriam. Fiz outro vestibular e fui fazer Ciências Sociais na PUC.(...)

As narrativas eram enriquecidas pela forma de cada um contar a sua história, fazer a sua ênfase, reorganizando e recriando essas experiências, a partir do que, hoje, cada um é, mas identificados por uma memória compartilhada, uma identidade de grupo, um pertencimento aos Coletivos, tecendo nesse refazer uma trama complexa que envolvia diferentes fontes de saberes e pertencimentos.

Em algumas entrevistas com as educadoras levei fotografias e foi muito interessante compartilhar das emoções e reações enquanto as fotos eram olhadas. A emoção de rever e identificar as pessoas do grupo se expressava nos risos e perguntas que atualizassem as notícias, os acontecimentos sobre cada uma e cada um, palavras como *saudade*, *há quanto tempo não nos vemos*, *como está fulano ou sicrano*, *Dandara está enorme você não vai reconhecê-la*, eram recorrentes e significativas.

Dandara é a filha mais velha de Conceição, educadora do projeto *Educar para a Vida* de Imbariê, distrito de Duque de Caxias, Baixada Fluminense, que participou ainda bebê de alguns seminários e aparece em várias fotos: tomando banho, no colo da mãe, passeando pelo colo dos outros participantes, as vezes acompanhada pelo pai. No III

Seminário do Coletivo do Rio de Janeiro (1994), uma das educadoras, Maria Inês, atuante também na área da saúde pública, mais especificamente do aleitamento materno deu o seguinte depoimento:

De 1 a 7 de agosto, todo ano, se comemora a semana mundial de amamentação. Estamos retomando no Brasil essa prática, tentando se contrapor às indústrias que, por tanto tempo tentaram nos convencer de que a mamadeira é melhor que o peito e que o leite industrializado é melhor do que o leite materno que produzimos para alimentar nossos filhos. Eu fiquei muito emocionada da Conceição vir aqui com o seu neném, aleitando só no peito, um neném tão lindo!. Eu queria te parabenizar e agradecer.



IV Seminário do RJ, Grupo de trabalho, 1994

A imagem acima retrata a total descontração do grupo, pés descalços, poses irreverentes, as expressões e os sorrisos confirmando a satisfação com o resultado dos trabalhos que aparece registrado em uma folha que todos eles seguram, como também no quadro de giz ao fundo. Conceição, participante do grupo, expressa também sua alegria e agrega sua família, seu marido e sua filha, que se inserem muito à vontade na composição da foto.

No IV Seminário do Coletivo do Rio de Janeiro, em dezembro de 1994, fizemos uma Avaliação de Percurso sobre o significado dessa trajetória para cada participante e para cada experiência, que questões nos colocávamos e que propostas tínhamos para esse Coletivo. A discussão aprofundou o sentido dessa trajetória, o comprometimento de cada um, a relação de autonomia com o SAPÉ, a necessidade de pensar a partir das diferenças, de refletir a própria prática, de romper as barreiras daquele pequeno grupo e socializar as produções em espaços mais amplos.

Essa intensa reflexão foi um marco importante na história desse Coletivo e na necessidade de ampliação desse espaço que até então se resumia aos seminários. Foi nesse Seminário que surgiram novas propostas e instrumentos como o *Boletim*, o BAM – Banco de Ajuda Mútua, o GREPE – Grupo de Estudos e Pesquisas, a ideia de fazer mini-seminários e contatos com outros grupos com o objetivo de investir e aprofundar o movimento que já fazíamos no processo de formação/autoformação de educadores/as. Entre

todos esses instrumentos o *Boletim*, informativo do grupo que também circulava entre outras experiências de educação de jovens e adultos, é o que trazia um forte componente visual temático, pois a cada número homenageava uma das nossas muitas marcas identitárias composta por povos indígenas, negros, brancos e asiáticos.

A impressão mais forte causada pelas fotografias, quando eu as levava para as entrevistas, referia-se à rede de afetos e pertencimento tecida ao longo da experiência, indicação de que o vivido havia deixado intensas marcas afetivas que mantinham a idéia de fazer parte do grupo, de estar ligado aos outros.

A esse respeito trago Écléa Bosi ao discutir o papel da memória a partir da contribuição de Maurice Halbwachs³: "... lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho.(...) A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, a nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. (...) O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termo de um ponto de vista." (1995:55)

As fotografias fizeram emergir lembranças que foram compartilhadas por mim e pelos que vivenciaram a mesma experiência, sem dúvida, ressignificadas de modo diferenciado por cada um de nós, mas que também trouxeram memórias que foram constituídas nos diferentes grupos sociais: a família e a escola os mais recorrentes nas narrativas ouvidas, o grupo profissional ou de trabalho, a igreja, os amigos, a classe social, enfim pertencimentos importantes na formação dos sujeitos/educadores.

Os saberes presentes no espaço dos Coletivos eram os mais diferenciados, compondo um leque variado que ia desde aqueles explicitados a partir dos sujeitos e de suas diferentes práticas, e que escolhíamos discutir nos seminários, até aqueles que não tratávamos especificamente como temas para discussão, mas que estavam presentes o tempo todo e se insinuavam continuamente nas muitas conversas, nos intervalos, nas saídas

³ Teórico psicossocial, estudioso das relações entre memória e história pública, a partir do que chama de "quadros sociais da memória", nos quais a memória do indivíduo depende também das relações que cada um estabelece com diferentes grupos sociais, grupos de convívio e grupos de referência importantes para esse indivíduo.

noturnas, na hora do cafezinho e que também faziam parte do nosso processo de formação, tecendo as relações de afetos e de práticas solidárias no grupo.

A família era uma das fontes de saberes mais presentes em nossas conversas, talvez melhor dizer as famílias, pois certamente em um grupo tão diverso, as composições familiares também o eram. A presença da família e das redes de afeto a partir dela se expressavam: além do clássico núcleo pai, mãe e filhos, que na maioria das vezes havia nos antecedido; na constituição de um novo núcleo; nos namoros e casamentos; no desejo de ser mãe ou pai sem necessariamente estar casado; nas famílias agregadas, juntando numa nova relação os filhos de outros casamentos; nas separações e novos namoros; nas famílias de mãe e filho seja por viuvez, separação ou escolha; nas escolhas sexuais que influenciavam o relacionamento, às vezes esporádico, às vezes duradouro.

Margarida grávida de Beatriz



Angela com Lucas



Margarida com Beatriz, V Seminário, 1995 , PE

Essa rede familiar se insinuava o tempo todo na experiência dos Coletivos, através das educadoras que engravidavam, nos bebês que acompanhavam as mães aos seminários, nas crianças que cresciam, amadurecendo a sua condição humana tal como tentávamos amadurecer a nossa reflexão sobre a educação, nos maridos, namorados e namoradas que acompanhavam os participantes levando-os ou buscando-os nos seminários, fotografando o grupo ao final do encontro, às vezes nos acompanhando no almoço ou nos momentos de festa, de alegria, de compartilhar a vida na tessitura de uma rede de afeto, convívio e confiança. Essa proximidade nos fez perceber que cada família tem um jeito de ser e que as lembranças e segredos só vazam as paredes domésticas quando se estabelece uma relação de confiança e de afeto, fortalecida no próprio convívio, na interação entre as pessoas.

Entre os seis espaços que Santos (2000:277) destaca, está o espaço doméstico constituído pelas relações sociais de produção e reprodução da domesticidade (incluindo quaisquer parceiros em relação de conjugalidade) e do parentesco. Sua unidade de prática social é a diferença sexual e geracional; suas formas institucionais são o casamento, a família e o parentesco; a dinâmica de desenvolvimento é a maximização do afeto; a forma de poder se expressa no patriarcado; a forma de direito são as normas partilhadas ou impostas e a forma epistemológica é o familismo e a cultura familiar. Porém, observamos que esses espaços se articulam e se interrelacionam e um exemplo disso está na experiência relatada. Os Coletivos eram espaços de discussão da prática pedagógica, voltado para a dimensão profissional, formativa e, no entanto, os diferentes espaços apontado por Santos se faziam presentes ora explicitamente nas discussões, ora apenas se insinuando.

Assim, destacar a presença dessa rede familiar na narrativa da experiência dos Coletivos é também nomear os meninos e meninas que foram gerados e cresceram fazendo parte dela, a Cecília, o Lucas, o Gabriel, a Beatriz, a Brisa, entre tantos outros que mesmo sem serem fotografados ou terem acompanhado suas mães aos seminários, estavam presentes nos inúmeros relatos que fazíamos, nas lembranças das travessuras ou das gracinhas, nos momentos difíceis das doenças ou separações, na escolhas que os pais fazem e afetam os filhos, na escolha da primeira escola, na oportunidade que os filhos oferecem de nos refazermos no tempo e também a atenção e o envolvimento que essas pequenas narrativas provocavam nos homens do Coletivo, a maioria, solteiro, alguns desejosos de ser pai outros muito longe de cogitar essa possibilidade.

Retomar essa rede familiar é também destacar a importância das mulheres as principais responsáveis pelas tarefas de cuidar e educar, tanto no âmbito doméstico, quanto no público, que em suas múltiplas inserções e identidades - mães, donas de casa, amantes, profissionais, estudantes, militantes, pertencentes a grupos étnicos, culturais -, a determinadas classes sociais, trazem para o espaço da educação onde são o maior contingente dos profissionais desta área, contribuições desses diferentes espaços/tempos, deslocando e modificando o “lugar” outrora destinado a elas na sociedade, sobretudo, no desempenho de suas funções sociais e nos fazendo questionar se de fato a dimensão de poder presente nesses relatos é a do patriarcado.

É preciso estarmos atentos à sabedoria que reside na incorporação da vivência de muitas vidas, na escuta atenciosa do que as palavras e as vivências cingem, na história do outro que amplia a nossa própria história, na autoria que cada um de nós tem em suas mãos a respeito de sua vida para que essas contribuições tragam outro enriquecimento às práticas de formação/autoformação provocando outras possibilidades de miradas.

Trançando os fios entre memórias, imagens, narrativas, que percorrem os diferentes espaços e tempos da formação/autoformação, trago uma imagem/narrativa de uma vivência de menina que profundamente me marcou e que está relacionada as redes de afeto e a presença da família na constituição do que sou.

Cenas do passado me vêm como lufadas de vento. Fortes, penetrantes arrastando consigo coisas que vivi, algumas que quero esquecer ou fantasiar nas lembranças, outras tépidas e suaves. Rever o passado é como abrir um baú cheio de coisas que guardamos ao longo do tempo, algumas nos fazem rir, outras chorar, tem aquelas que são quentes e reconfortantes, outras que não sabemos por que ainda guardamos, pois o sentido de sua existência ficou em algum lugar perdido. E tem aquelas que persistem e nos acompanham como se estivessem impressas fundo n'alma nos lembrando quem somos e de onde somos.

E é assim que me vem aquela cena, muitas vezes vivida, da menina no trem a caminho da casa da avó. Era como um dia de festa, quase não dormia, ansiosa para que o dia amanhecesse, sinal do início daquela pequena viagem - sair da Rocinha na Gávea a caminho de Campo Grande na zona oeste da cidade. A cidade naquele tempo era mais calma e as distâncias pareciam enormes. Linda cidade de São Sebastião dividida em zonas e periferias que a menina conheceu bem em suas andanças. (...)

No Centro tudo parecia tão grande, as avenidas, os prédios, as pessoas, muitas pessoas, andando apressadas nas calçadas, atravessando as ruas. Ao lado da Central havia outro prédio imenso, cheio de formas retangulares e quadradas, sem muitos enfeites. Naquela imensidão de formas ocupando o espaço, a beleza repousava no gramado e no jardim em frente, sempre muito bem cuidado. Só muito mais tarde soube

que era genuíno exemplo da arquitetura de influência fascista: prédios grandes, funcionais, sóbrios e limpos.

Mas o encantamento era com a Central do Brasil, que se anunciava no começo da avenida com seu relógio, referência para a cidade. Era um lugar grandioso com seu enorme saguão de cúpula arredondada sempre apinhado de gente, muita gente, muitos tipos, muitas cores, gente em trânsito, lugar de passagem, de idas, de algumas paradas e retornos.

As linhas com seus trens enredando caminhos de partida e chegada em direção a lares, trabalhos, amores, perdições. A maioria indo e vindo dos subúrbios cariocas, da zona oeste, dos bairros da Baixada fluminense, da região da Leopoldina.

Havia também, um trem muito bonito que ligava Rio a São Paulo e Rio a Minas e um outro antigo, uma Maria Fumaça, que levava passageiros à Mangaratiba, serpenteando a serra perto do mar. Passeio que a fazia mergulhar no tempo, trem puxado por máquina a vapor, primeiro símbolo da indústria e do progresso.

Central do Brasil, Leopoldina, estações de trem que como ícones de um tipo de desenvolvimento nos fizeram imaginar esse país de gente pobre ligado por trens.

A menina ia passar uns dias com sua avó amada. Até chegar a sua casa passariam tantas estações, 27 no total, com o passar dos anos sabidas de cor, no pleno sentido do de cor como o que vem do coração, pois de cada lugar, de cada parada havia uma lembrança: um detalhe, uma imagem, uma história vivida ou contada.

Quando chegava em Campo Grande o joelho estava vermelho e às vezes dolorido, mas havia tanta coisa para ver, e tudo o que via era para não perder a visão principal - a casa da avó que era perto da linha do trem e sinal de que estavam chegando ao tão esperado destino. Às vezes via a avó na varanda catando arroz, conversando no portão com a vizinha ou regando as flores de seu belo jardim e sabia que em breve estaria no conforto daqueles braços fortes acostumados à lida na roça mas que a enlaçariam com ternura.

As práticas solidárias estão relacionadas as diferentes formas de afeto, desde aquelas que se dão em relações de amizade, de benquerença, até aquelas que são referentes a determinados estados como o da cultura, da política, da justiça, da liberdade, etc.